

MULHERES DE SESINHO

*Olga Brites**

Este texto discute imagens de mulheres construídas pela revista *Sesinho*, de 1947 a 1960, em articulação com imagens de família, homens e infância.

Tal revista infantil foi publicada no Rio de Janeiro, de dezembro de 1947 a agosto de 1960, num total de 154 números. Vicente Guimarães a dirigiu, assinando todos os seus editoriais com o pseudônimo Vovô Felício. O Serviço Social da Indústria, SESI, financiou a edição.

Em *Sesinho*, divulgou-se jogos e passatempos, narrativas quadrinizadas, orientação para trabalhos manuais, reportagens sobre assistência às famílias operárias e outras atividades do SESI em todo o Brasil. Lendas, contos infantis, textos teatrais e partituras também eram estampados em suas páginas, além de aulas de geografia, ciências, português, história e demais disciplinas escolares.

O projeto de *Sesinho* para o cotidiano, o trabalho e o viver em cidade abrangeu uma educação voltada para a família trabalhadora, começando nesta mesma e sendo ampliada para escola, cidade e nação.

A sagrada família foi apresentada como modelo a ser seguido pelos leitores do periódico e, nas diferentes cidades onde estava instalado, o SESI comemorava o Natal distribuindo presentes às crianças e realizando atividades recreativas.

As imagens de mulher veiculadas na peça infantil "Festa de Natal" (nº 13, dez. 1948), através de Maria, disseram respeito a dedicação materna, fragilidade (choro, tristeza), companheirismo. Quanto a José, como homem, teve destacada a condição de provedor da família, responsável pela superação de dificuldades. A força de Maria foi retomada ao exercer sua função de mãe (embalar o filho). Já seu marido expressou força saindo em busca de uma solução para seus problemas (recursos financeiros, falta de amigos por estarem fugindo da perseguição promovida por Herodes), mobilizando-se pela atitude feminina – tristeza, choro, derrota.

* Departamento de História da PUC-SP.

A sagrada família, apesar de pobre e destituída de bens materiais, vítima da ação de ambiciosos (através de Heródes, a ambição foi condenada), era harmoniosa e vitoriosa na vida.

A pobreza, a partir daquela peça, foi recuperada como “virtuosa e próxima de Deus”, através da ação assistencialista de ricos e instituições, superando o espectro de perda de fé e religiosidade como parte de ameaça e perigo, representados pelas massas modernas.

Assim, o próprio SESI explicitou sua obra de atender àqueles despossuídos, numa atitude próxima à do menino Jesus, que olhava pelos pobres.¹

Nesses termos, *Sesinho* continuaria a obra do Deus pai e recuperaria religiosidade na redenção dos fracos e oprimidos. As possibilidades para os mais frágeis, despossuídos de bens materiais ou atributos físicos (força, altura, traços perfeitos), apareceram em contos e outros momentos, com os desfavorecidos vencendo barreiras.

Maria, na peça “Festa de Natal”, trouxe duas forças integrantes de uma condição feminina: resignada, companheira, auxiliou o homem, cuidando prestativamente da educação do filho. Seu choro, expressando consciência das dificuldades, foi assumido como momento de fraqueza. Depois dele, a personagem se recompôs e seu gesto levou José a buscar saídas para a situação.

Dessa forma, a família, em Guimarães, foi importante base para os temas desenvolvidos por *Sesinho* – trabalho, progresso e religiosidade.

Uma “Palestra de Vovô Felício” abordou o lar, apresentando-o como lugar onde se encontrava a felicidade, a partir de amor dos pais, brincadeiras com os irmãos, sorriso das crianças, pequenos trabalhos caseiros, reuniões no momento das refeições. O tema do lar como lugar de aconchego e felicidade apareceu em outros momentos da revista.

Se o mundo fora da casa era ameaçador, ele podia também, em *Sesinho*, ser possibilidade de conhecimento, aventura. Sendo a saída referendada pelos pais, perdia qualquer teor conflituoso. O personagem de quadrinhos Janjão, por exemplo, saiu de casa levado por um pássaro para ampliar seus conhecimentos.

Por outro lado, a vida de um casal, para ter felicidade plena, de acordo com a revista, precisava da presença de filhos, como se observa na adaptação de Guimarães para o conto “Rapunzel”, que começa com o marido tentando satisfazer os desejos da mulher grávida (nº 5, abr., 1948).

Dando continuidade aos textos que abordaram a família, uma “Palestra de Vovô Felício” foi dedicada ao pai: “A figura do pai é no lar a mais respeitada. É

1. Sobre esses e outros valores do SESI, v. Brites, Olga. “História e Educação em *Sesinho*”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 9(19): 57/80, set. 1989/fev.1990.

o chefe da família, o que orienta e resolve. É o que enfrenta a luta da vida, missão árdua – oferecer conforto à família”.

Atribuiu-se também ao pai a responsabilidade de controlar desejos para que “jovens e crianças, no futuro, sejam úteis à sociedade”. Destacou-se positivamente o empenho dos pais na educação dos filhos.

Estabeleceu-se, assim, uma relação hierárquica que tinha na figura masculina paterna maior respeitabilidade, zelando pelo destino da criança e da família, o que passava pela função do trabalho remunerado e pela orientação moral e cívica aos filhos.

No nº 137 da publicação (mai., 1959), a “Palestra de Vovô Felício” expressou dificuldades para escolha temática diante de tantas possibilidades de calendário – mês de Maria, 13 de maio e Dia das Mães. Considerou, todavia, que a condição de mãe unia os assuntos:

Mãe é Nossa Senhora – a Mãe de Deus, a Mãe da Humanidade.

A Princesa Isabel, que assinou o decreto da Abolição, é considerada a Mãe dos Escravos. E o Dia das Mães – segundo domingo de maio – é dedicado a todas as mães – vivas e mortas – e celebrado em todo o mundo.

O texto estabeleceu forte ligação entre família, história e religião, com a história explicitada pela publicação surgindo sob o signo da natureza e do sagrado. As imagens de mulher mais presentes nele foram de sofrimento, amor e dedicação, com o ato da Princesa Isabel aparecendo como expressão de bondade maternal. O desfecho da coluna insistiu sobre a importância de se recompensar a mãe pelo sacrifício, beijando-se as vivas, orando pelas mortas, numa concepção mercantil de afeto que a capa desse número da revista (*Sesinho* carregado de pacotes, com o aviso: “Tudo para mamãe”) materializou ainda mais.

Os leitores de *Sesinho* eram preparados para assumirem diferentes papéis na vida social adulta. Dentre eles, encontram-se os de homem e mulher, evidenciando que a construção de identidade de gênero fazia parte do projeto geral do SESI, revista de Vicente Guimarães para a infância.

Não é possível pensar historicamente em condições masculinas e femininas abstraídas, com lugares determinados, fixos². É preciso considerá-los nos quadros de relações de poder, tensões entre sexos e instituições que as formam.

2. Cf. as considerações sobre mulheres em: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. Edição citada.

Há tentativas de homogeneização das experiências para os gêneros e a família e *Sesinho* é um exemplo nessa direção quando procura apagar divergências e construir imagens de um mundo sem conflitos, onde aqueles poderes existem numa relação harmoniosa. *Sesinho*, personagem-símbolo da publicação, é um menino cujo nome é diminutivo de SESI e se aproxima foneticamente de nome comum no Brasil – Zézinho, forma familiar de José, e nome do pai de Jesus.

A revista escolheu como personagem símbolo um menino que assumiu função modelar para os leitores em vários campos, englobando ocupações, formação, aventuras, curiosidades. Isto não significa que as meninas estivessem excluídas desse universo. O ponto de partida para ele foi o sexo masculino, que experimentava e apresentava o trajeto da infância orientada. Os personagens fixos, em diferentes momentos da revista, são preponderantemente masculinos e a onipresença de Vovô Felício, complementa aquele viés.

A mulher praticamente não aparece entre os grandes personagens da história apresentados pelo periódico. No entanto, os homens ali destacados têm vínculos importantes com mulheres – mães e outras.

Em resposta a carta de leitor, *Sesinho* (nº 90, jun., 1955) apresentou Nísia Floresta como pioneira no ensino feminino e como mulher que se destacou no trabalho pelo bem da pátria junto a homens. Nesse sentido, valorizou-se o trabalho feminino ultrapassando as fronteiras domésticas.

Nas atitudes de *Sesinho* como “Cavaleiro do Bem” (personagem semelhante a super-heróis, nº 1, dez., 1947), expressa-se um conjunto de posturas como masculinas – força, coragem, ousadia, proteção aos mais frágeis socialmente.

Os principais personagens dessa série são masculinos, com valores diferenciados, opostos, como se o risco do mal estivesse presente no universo masculino e fosse corrigido a partir dele. Cabe lembrar que os fundadores e a alta direção do SESI no período eram homens, a revista era dirigida por um homem e seu elenco de desenhistas pertencia a esse sexo.

Outra área assistida por *Sesinho* foi a educação doméstica, dirigida a meninas e meninos, abrangendo receitas culinárias conserto de ferro elétrico, eliminação de manchas de roupas e tapetes, lubrificação de fechaduras e dobradiças e outras atividades.

A seção “Aprenda desde já” apareceu em seu nº 134 (fev., 1959), assinada por Tia Florinda, anunciando que ocuparia quatro páginas mensalmente voltadas para a economia doméstica e trabalhos correlatos, sendo mais dirigida para as meninas, como se observa numa passagem dessa apresentação:

Mesmo que algumas de vocês, queridas sobrinhas, depois de grandes e, talvez, depois de casadas tenham de trabalhar fora, é bom que *aprendam desde já* a trabalhar na cozinha e a manter um lar bonito, atraente e agradável.

Aconselhando meninos a consertarem ferro elétrico, a colunista afirma: “É a você que cumpre consertá-los (...). Sua irmãzinha já pode ligar o ferro novamente e passar uma camisa para você”.

As receitas, voltadas mais para meninas, indicam comidas simples: arroz, batata com manteiga, nhoque, bife à milanesa. Noutras passagens, a coluna se dirige aos dois sexos, enfatizando a importância de cuidar do lar, sendo apontada para as meninas a necessidade de se “manter um lar bonito” e sublinhado que os meninos também devem contribuir “para a felicidade de seu lar”.

Atribuindo papéis aos dois sexos na vida familiar, *Sesinho* sugere uma relação harmoniosa no lar, evidenciando que este não é exclusividade feminina e sim um espaço onde também o homem deve assumir papéis ativos. O lar é assim caracterizado como entidade que deve ser construída na relação entre as pessoas, não algo dado. Essa caracterização dos sexos na esfera doméstica significa ainda que relações de poder são atribuídas a homens e mulheres. Ao mesmo tempo, os espaços públicos e privados não têm limites rigidamente marcados na revista, bastando lembrar a valorização tão freqüente da mulher como professora e mãe, atribuições fundamentais para a casa, a nação e os trabalhadores.³

No nº 17 da revista (abr., 1949), iniciou-se nova seção, “Receitinhas para você”, dedicada às meninas, com a seguinte argumentação:

Em casa, são as mulheres que, geralmente, cuidam da alimentação. Nessa página, você aprenderá a fazer pratos gostosos para seus pais e irmãos, o que a tornará mais querida de todos e mais necessária à coletividade do lar. Também, e isto é importante, prende o maridinho em casa.

O papel da mulher como guardiã da família significa preservá-la e assumir que se o homem não for bem tratado, bem alimentado, deixará o lar.

No âmbito da família operária, esse projeto enfrentava dificuldades especiais, tendo em vista sua própria característica de sobrevivência: crianças trabalhando desde cedo, mães também no mercado de trabalho, dificuldades de separar espaços domésticos.

3. Cf. debates sobre poderes das mulheres na vida social desenvolvidos por: Perrot, Michelle. *Os excluídos da História*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

Existe um projeto burguês de implementar e difundir esses valores, utilizando inclusive os recursos do serviço social. Nesse sentido, observa-se uma política de atuação junto ao operariado para tornar viável esse projeto.⁴

O SNES (Serviço Nacional de Educação Sanitária, órgão do Ministério de Educação e Saúde, criado em 1941) considerou fundamental o papel da mulher no lar:

A mecanização complexa, mas de fácil e leve arranjo, reduziu enormemente a capacidade de trabalho, exigindo menor robustez e estimulando a intromissão do sexo feminino nas fábricas, oficinas, laboratórios, etc., que assim deixam as ocupações domésticas, afastam-se das preocupações caseiras e livram-se dos pesados tributos de dona-de-casa. Muitos malefícios surgiram daí (...) e a alimentação sofreu a influência.⁵

É um trecho que afirma a responsabilidade da mulher brasileira dos anos 40 em relação aos cuidados com a saúde da família através da alimentação, apontando para riscos da vida moderna que desequilibraram esse quadro ao deslocar a mulher para outras funções e criticando a perda dessas tarefas femininas⁶.

O título da seção “Receitinhas para você” foi extraído de livro publicado pela Divisão Regional do SESI de São Paulo, distribuído entre mulheres e meninas que fizeram o “Curso Elementar de Arte Culinária” nas cozinhas distritais do órgão.

A seção “Aprenda desde já” retomou “Receitinhas para você”, incorporando a presença masculina nos afazeres domésticos, embora mais dirigida ao sexo feminino – as cartas recebidas por Tia Florinda só eram escritas por meninas.

Uma presença feminina significativa em *Sesinho* é Tia Marita, que, através da seção “Boas Maneiras”, aconselhava os leitores sobre as melhores formas de tratar as outras pessoas – adultos, etc. Os personagens com quem estabeleceu diálogo foram, na maioria, meninos. Assim fala sobre “civildade”, que representa “polidez, cortesia, atenção, urbanidade, boas maneiras”. Preocupou-se em desenvolver nos meninos atitudes de cavalheirismo no lar, deixar de gritar quando fala, oferecer-se para ajudar antes que o solicitem, cumprimentar as pessoas quando chega da rua, etc.

4. Donzelot, Jacques. *A polícia das famílias*. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1986. Zilberman, Regina e Magalhães, Ligia Cadernatori. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Participação*. 3ª ed., São Paulo, Ótica, 1987.

5. Mec/Snes. *Alimentação do trabalhador*. Rio de Janeiro, SNES, 1944 (escrito em 1939).

6. Schwartzman, Simon; Bomeny, Helena Maria B. e Costa, Vanda Maria R. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro, São Paulo, Paz e Terra/EDUSP, 1984, (Estudos Brasileiros-81). Na p.113 dessa obra, reproduz-se fragmentos do texto “O problema da natalidade”, do Pe. Leonel Franca, que propõe combater o trabalho feminino fora do lar, proibir práticas e propaganda anticoncepcionais, impedir o aborto e exorta a “conservar o clima espiritual e cristão em que respiram as famílias brasileiras e lutar contra o materialismo que alimenta a concepção egoísta da vida estéril”.

Há preocupação com hierarquia nas relações entre grupos de idade, sendo a presença do adulto que orienta o agir na infância. As atitudes abrangidas pelas referidas regras de comportamento são do cotidiano, definindo espaços e obrigações da criança no convívio urbano – como se portar em ônibus e magazines, por exemplo.

A revista foi também responsável pela divulgação do “Clube dos Sesinhos”, mantido pelo SESI. Ao seu redor, realizou diversas atividades dirigidas às crianças – concursos literários, esportivos, sessões recreativas, de cinema, práticas em campos de esporte. A sessão “Clube dos Sesinhos” divulgou os sócios do mesmo.

A maioria dos Sesinhos filiados é composta por meninos. A cada relação de inscritos, em média, aparecem cinco meninos para três meninas. Entre as profissões de maior interesse feminino, destaca-se a de professora. Já os meninos revelam maior variedade de opções – piloto, engenheiro, chofer, confeitoiro, eletricitista, médico, repórter, etc. –, evidenciando a maior diversificação e o horizonte de aventuras próprios ao seu mundo.

É principalmente através de personagens masculinos que a revista combate aquilo que considera vícios e erros na infância, construindo identidades marcadas por transgressões e desvios: João Bolinha, Boneco Boaventura, Pedrinho, o próprio Gênio do Mal (Mão de Gancho). Há tentativas de recuperar alguns desses personagens identificados à dimensões da infância combatidas pelo periódico (gulodice, sujeira, ignorância, indisciplina, desobediência aos mais velhos e a autoridades – pais, professores, etc.).

A revista precisa desses personagens para tentar passar o seu projeto através de figuras que, apesar de desviantes, talvez por isto mesmo, criam situações de humor que agradam aos leitores.

O caráter desses tipos sugere que *Sesinho* precisa construí-los para justificar sua atitude formadora em relação à infância.

Um procedimento freqüente do periódico foi condenar o fumo como vício prejudicial à saúde. Maus exemplos, sempre masculinos, apareciam na revista fumando.

Apesar de haver uma preocupação geral da revista com a questão da saúde, importante para os universos masculino e feminino, estabeleceu-se maiores vínculos entre corpo, esporte e mundo dos homens, expressando interesse de garantir a estes um bom preparo físico para o trabalho. A força física masculina foi atributo valorizado pelas mulheres na revista.

No nº 137 do mensário (mai., 1959), publicou-se texto denominado “A casa do saltimbanco”, com a advertência: “História indicada no Programa de Ensino Primário Elementar do Estado de Minas Gerais, para a 4ª série – Adaptação da profª

Maria das Dores Portilho”. Ele apresentou Rosinha, empregada de família nobre francesa, absolutamente integrada aos seus senhores e necessária ao castelo:

Graças a Rosinha, tudo no castelo obedecia a horário: recreio, estudo, refeição, etc (...) eram dois relógios, portanto a trabalhar, um pendurado na parede anunciando as horas e outro vivo a andar por toda parte, subindo e descendo escadas, percorrendo todos os aposentos e recantos, ora repreendendo, ora estimulando.

Nesse exemplo, cabe à mulher garantir uma dimensão fundamental ao mundo do trabalho doméstico: a disciplina que nunca falha. O tempo feminino é reservado ao espaço doméstico. As imagens do relógio na parede e da mulher como relógio vivo remetem para discussões sobre a introjeção pelo trabalhador das regras de trabalho no mundo moderno⁷. Ao mesmo tempo, Rosinha é apresentada na narrativa como existindo em função da família nobre, de suas necessidades de disciplina e seus momentos de felicidade. A empregada assume um tempo ativo de acordo com a racionalidade de seus patrões, com a qual ela está perfeitamente harmonizada.

As mulheres, em *Sesinho*, foram freqüentemente encaminhadas para tarefas de casa, tendo por futuro o casamento, desde que se enquadrassem em modelo estabelecido pela revista: fragilidade, beleza, maternidade, afeto submetido à razão masculina. Daí, a reprodução no mensário de contos tradicionais da Literatura Infantil, como “Gata Borralheira”, “Bela Adormecida” e “Rapunzel”.

Uma caracterização visual das mulheres valorizadas pela publicação apareceu nos contos tradicionais de Literatura Infantil e noutros momentos de sua produção: tipos magros, com traços faciais regulares, cabelos longos, roupas sóbrias, sendo freqüente o uso de boleros. As louras eram comumente apresentadas como modelos de beleza. Muitas negras, por sua vez, apareceram enquanto empregadas domésticas, cozinheiras, desajeitadas, falando errado, gordas.

Papéis femininos e masculinos foram definidos na polarização entre bem e mal. O homem mau roubava, fumava, não trabalhava nem estudava, era teimoso. A mulher má perseguia outras mais frágeis e delicadas, tinha inveja, ciúmes e desejos.

Os papéis de meninos e meninas no lar foram abordados por Vovô Felício em “Palestra do Vovô Felício” (n^o 7, jun., 1948). Nela, a menina podia se tornar uma fada do lar porque, com sua varinha de condão, transformava o ambiente da casa

7. Cf. o clássico ensaio: Thompson, E.P. “O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo”. Sem indicação de Tradutor, in: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). *Trabalho, Educação e Prática Social*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, pp. 44/93.

com bom gosto, bordando e arrumando. Já os meninos deviam ajudar nos pequenos concertos caseiros, obedecendo aos pais.

Essa passagem apresenta a possibilidade feminina de realizar sonhos e fantasias na execução dos serviços domésticos. Foi constante na revista o apelo à fada para falar sobre o mundo infantil: a menina é fada trabalhando na casa e a professora o é ensinando aos alunos. O próprio João Bolinha, boneco presente em quadrinhos e outras seções da revista, adquiriu vida pela ação de uma fada – uma mulher foi a responsável pelo tornar-se gente.

A revista chegou a ser caracterizada como fada que estava ao lado dos fracos e ensinava o caminho de crescimento e força (nº 22, out., 1948) e a realidade vivida na escola identificada a lindo conto de fadas (nº 111, mar., 1957), desencantando tal personagem, transformando-a em instrumento da vida prática. Mesmo afirmando que fadas não existiam, elas foram preservadas, aproveitando o universo infantil do mágico e lúdico e tendo continuidade naquele momento nos projetos educativos e assistenciais de várias instituições: “Esse é o momento de dizer adeus ao conto de fadas. O adeus não é dito ao Vovô Felício porque a revista *Sesinho* trará todo mês a sua presença” (nº 111, citado).⁸

Há momentos da revista, principalmente do cômico, em que é possível pensar em oposição a lugares rígidos, fechados e determinados para cada sexo. Eles podem ser beneficiados pela reflexão sobre o riso popular, que abre espaços para uma nova vida, vencendo o medo, brincando com o instituído pela dominação.

Na Literatura Infantil e na infância, o riso, a brincadeira e a fantasia representam um mundo diferenciado daquele do adulto, cuja vida é conduzida pela seriedade. Mesmo em *Sesinho*, onde o riso é controlado via o projeto que Guimarães, a revista e o SESI têm para a infância, é possível a ocorrência de transgressões condenadas noutros momentos de sua produção.

Ainda sobre a presença masculina em *Sesinho*, há atividade tradicionalmente feminina que foi assumida no mensário principalmente por homens: narrar. Vovô Felício ali ocupou o lugar das lobatianas Dona Benta e Tia Nastácia – reunir para escutar diferentes narrativas e evocar tradições.

As passagens de humor fizeram parte de uma dinâmica da produção de valores por SESI, *Sesinho* e Guimarães, evidenciando que as atitudes de controle não eram absolutas e se mesclavam com outros procedimentos nos quais a seriedade institucional era relativizada.

8. Nesse discurso, os diplomas foram comparados a pode-rosas varinhas de condão, que facilitariam lutas e empreendimentos, e as mestras equiparadas a “verdadeiras fadas”, que preparavam para os embates da vida e o trabalho e prosperidade da Pátria.

Trata-se, portanto, de projeto assistencial e editorial para homens e mulheres, ricos e pobres. O auxílio aos necessitados era dado por aqueles que eram esclarecidos – empresários e intelectuais.

O trabalho de SESI, *Sesinho* e Guimarães com família e gêneros evidenciou que não atuavam apenas no nível de preparo para a produção fabril. Através dele, pode-se perceber todo um investimento nas esferas de sentimentos e intimidade, resultando num processo de sedução para seus valores.

As mulheres de *Sesinho* evidenciam que o universo da indústria no Brasil dos anos 40 à 50 não podia prescindir da presença feminina, quer no mercado de trabalho formal, quer na retaguarda do cotidiano doméstico e familiar.